

A APRESENTAÇÃO DE UMA CARTILHA DE DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS DE HOMOAFETIVOS COMO TECNOLOGIA EDUCATIVA EM SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Christian Boaventura dos Santos¹; Franciellen Coelho Santos¹; Jaciely Garcia Caldas¹;
Mayra Gama Leão¹; Ana Paula Oliveira Gonçalves²

¹Graduação, ²Mestrado
Universidade Federal do Pará (UFPA)
boaventurachris@gmail.com

Introdução: No Brasil, a diversidade social é real e abundante, inúmeras formas de culturas, principalmente a forma de “ser” permeia pelo cotidiano em que vivemos. A luta pelos direitos dos grupos da comunidade LGBT ganham, ano após ano, grande visibilidade e expansibilidade. Várias foram as conquistas obtidas, com destaque para a união matrimonial e adoção entre pessoas do mesmo sexo, representando a conquista de mais de dois séculos de luta por igualdade de direitos. Dialogar sobre os direitos da comunidade LGBT, apesar da temática está explodindo em ondas de movimentos e tentativas de melhorias para seus atuantes, até hoje significa um assunto difícil de discutir entre a sociedade brasileira, já que sua construção social está totalmente ligada ao modelo “patriarcal-tradicionalista”, tornando quase que inacessível implementar discursos que mostrem as múltiplas diferenças, a citar, orientação sexual e identidade de gênero¹. Uma das formas de disseminar e argumentar sobre as diversas formas de pensar está na educação, a ferramenta que garante o saber em seus diversos complexos. A educação também objetiva despertar a mudança e consciência crítica dos seres humanos através da informação². Experenciar a educação em saúde através da participação de grupos gera uma forma de garantir seja ao indivíduo ou o comunidade que esteve em contato com a atividade a possibilidade de decidir sobre seu próprio destino e ou ações bem como a capacitação destes sujeitos para atuar nas melhorias de sua própria saúde em quaisquer que sejam suas aplicações. Tendo em vista que os trabalhos educativos representam uma poderosa ferramenta no que tange a promoção da saúde, permitindo o aprofundamento de discussões e a ampliação de muitos conhecimentos, de modo que as dificuldades sejam superadas e prevaleça a maior autonomia, seja na tomada de decisões ou até mesmo na assistência prestada ao paciente e melhores condições de saúde e qualidade de vida. Neste contexto, as Tecnologias Educativas em Saúde (TESs) são ferramentas importantes para o desempenho do trabalho educativo e do processo de cuidar. A TES integra o grupo das tecnologias leves, denominadas tecnologia de relações, como acolhimento, vínculo, automação, responsabilização e gestão como forma de governar processos de trabalho. A utilização dessas tecnologias contempla a existência de um objeto de trabalho dinâmico, em contínuo movimento, não mais estático, passivo ou reduzido a um corpo físico. Esse objeto exige dos profissionais da saúde, especialmente do enfermeiro, uma capacidade diferenciada no olhar a ele concedido a fim de que percebam essa dinamicidade e pluralidade, que desafiam os sujeitos à criatividade, à escuta, à flexibilidade e ao sensível³. **Objetivos:** Relatar uma atividade desenvolvida em sala de aula e sua contribuição no âmbito da saúde. **Descrição da Experiência:** Foi realizado uma atividade, exercita em sala de aula, através da atividade curricular “Atenção Integral à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente” consistindo na criação de uma “tecnologia educativa em saúde”, de tema livre, expondo-a para a classe explicando sua criação, suas fundamentações e sua finalidade como instrumento contribuinte no contexto da saúde. A turma foi subdividida em grupos e para cada um dos grupos foi entregue uma cartilha, com isso o objetivo da atividade foi que cada grupo procurasse as respectivas palavras inseridas em modelos de caça-palavras. Para obter as palavras, os grupos precisavam ler

os textos que continham, em seu conteúdo, informações pertinentes aos direitos sexuais e reprodutivos de homoafetivos, direitos voltados tanto para questões legais quanto a saúde, ao final da atividade, agrupando todo o conhecimento que obtiveram com a leitura da tecnologia, fora feito uma roda de conversa para discussão geral da atividade que fora proposta. **Resultados:** A cartilha em si trouxe um novo debate a ser discutido em sala de aula, por se tratar de um assunto politicamente peculiar, vários foram os argumentos e trocas de experiências envolvendo as opiniões gerais e individuais dos discentes pertencentes à classe e também da própria docente que estava em sala avaliando as apresentações. Um dos momentos mais produtivos da atividade foi explorar a temática do atendimento a um paciente pertencente à comunidade LGBT e o debate sobre a existência de políticas públicas envolvendo a comunidade LGBT, que até então, era um assunto desconhecido pela maioria dos alunos presentes e ao perceber que já existem ferramentas voltadas para este público, a exemplo da cartilha de Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, o objetivo da atividade ganhou proporções maiores e totalmente satisfatórias. Apesar das controvérsias de opiniões, o instrumento foi bem aceito e emponderador, pois apesar de ser uma cartilha no formato de “caça-palavras”, destinada ao público em suas diversas fases de vida, a mesma trouxe informações tanto de caráter político, a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos dos homoafetivos como de saúde, retomando os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), que deve ser integral, universal e equânime além de que aborda o que está previsto em lei através do artigo 196 onde afirma que a saúde é um direito de todos e dever do estado. **Conclusão/Considerações Finais:** Para a classe como um todo a apresentação da cartilha representou expor o diferente, mostrou o cotidiano verídico de uma sociedade dual, diversificada, ambígua em sua múltiplas conotações sociais. A ideia da possibilidade de futuramente estar tratando de um paciente homoafetivo ou qualquer outro representante da comunidade LGBT tornou-se real, portanto, pertencendo à classe da enfermagem, nós que compomos a futura geração de profissionais que irão exercer a “arte do cuidar”, precisamos ter o conhecimento e a sensibilidade no que tange o atendimento a um paciente homossexual, entender a dinâmica do seu contexto biopsicossocial que em muito difere dos pacientes heterossexuais, pois o contexto social e os diversos problemas pelos quais perpassam são diferentes e difíceis. Trazer para o processo “ensino-aprendizagem” assuntos que permeiam a comunidade LGBT significa lembrar que a saúde ela é e deve sempre ser integral, completa, igual, para com as pessoas independente de sexo, raça, gênero, orientação sexual. Um dos grandes déficits das instituições de ensino superior (IES), incluindo os institutos da saúde, está atrelado à falta de pesquisa e atuação envolvendo as comunidades menos favorecidas, a exemplo dos negros, dos indígenas e da própria comunidade LGBT, objeto de estudo utilizado no desenvolvimento da atividade, sendo que as metodologias aplicadas a cada um mudam bruscamente de acordo com as suas próprias necessidades, portanto integrar a cartilha representa trazer mais discursos e mais experiências envolvendo o público LGBT que também irão compor, futuramente, o corpo de pacientes ao qual nós, profissionais da saúde, teremos que prestar um serviço digno e de qualidade.

Referências:

1. Lionço T. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da eqüidade. *Saúde soc.* v.17 n.2 São Paulo abr./jun. 2008. Disponível em: . Acesso em: 19 mai 206.

2. Dias GAR, Queiroz AM, Mourão JC, Freitas KFS, Santos MS. Tecnologias educativas em saúde, importância no processo de ensino aprendizagem: relato de experiência acadêmico. Disponível em: . Acesso em: 19 mai 2016.
3. Santos ZMSA, Lima HP. Tecnologia educativa em saúde na prevenção da hipertensão arterial em trabalhadores: análises das mudanças no estilo de vida. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Jan-Mar; 17(1): 90-7.
4. Assunção APF, Barbosa CR, Teixeira E, Medeiros HP, Tavares IC, Sabóia VM. Práticas tecnológicas educacionais no cotidiano de enfermeiras na estratégia saúde na família. Rev enferm UFPE on line., Recife, 7(11):6329-35, nov., 2013.